

MÁRIO CESARINY DE VASCONCELOS

UM AUTO PARA JERUSALÉM



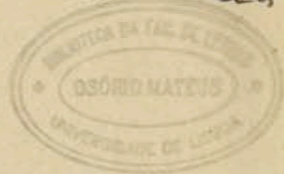
TEATRO MINOTAURO

Reservados os direitos pela legislação em vigor para a
Editorial Minotauro — Rua D. Estefânia, 46 - B, C e D
Telef. 53 76 77 — Lisboa - 1

Mário Cesariny de Vasconcelos

UM AUTO
PARA JERUSALÉM

ULFLO700324



MINOTAURO

U M A U T O P A R A J E R U S A L É M

Personagens, por ordem de entrada no palco:

O Orador

O Servo-Porteiro

Matatias, o Sábio Rezingão

Eleazar, o Intelectual Snobe

Tobias, o Sensato

O Menino Jesus

O Homem da Gestapo

*A cena passa-se num tugúrio desmantelado
que apresenta bem visível o dístico «Académico-
-Clube dos Sábios de Jerusalém». Tobias e Mata-*

tias usam túnica e compridas barbas, Eleazar é jovem e traja com distinção. O Orador veste um guarda-pó cinzento, aberto, mangas arregaçadas, chapéu colonial. O Homem da Gestapo aparece numa luxuosa fantasia abundando em plumas e amuletos. Capacete romano na mão direita. Botas de tenente.

No proscénio, cadeira e mesa D. João V, em cima de um estrado, para o Orador. Sobre a mesa, um grande livro fechado, candeeiro, sineta, e o chapéu do Orador. Atrás da mesa um vetusto relógio de caixa alta, sem ponteiros.

ORADOR — *saindo ao proscénio* — Minhas queridas senhoras, estimados senhores: quando o

pano cair sobre a última cena do mundo que já rola atrás desta cortina, perceberéis que eu nem sequer chego a representar. Que vos aproveite a descoberta ! Por expressa vontade do Autor o meu papel resume-se a, como se diz?, *cla-ri-fi-car* tudo o que vai passar-se neste palco. Por vezes intervirei — tenho poderes para isso. Mas nunca directamente: por interposta figura. Assim uma coisa à grega. Evidentemente, eu, como actor, quereria dar mais. Muito mais. Bastante mais! — Não pôde ser.

Enfim, quando as coisas não vão pelo caminho dos nossos desejos, o melhor que há a fazer é levar os nossos desejos pelo caminho que as coisas vão tomando. Parece-nos. (*Tira um vasto*

lenço do guarda-pó e amarra-o ao pescoço)
Vou dar início. (*Dirige-se à sua secretária, senta-se, abre o livro, faz uma rápida simulação de leitura e encara de novo o público*) A peça é admirável! (*Indica o livro*) Está aqui toda. Todinha! Uma maravilha. Garanto que nunca vistes disto em lado nenhum. É certo que os actores vão entrar por aí com roupas mais excelentes num espectáculo de feira que no favor da vossa inteligência. Mas não vos perturbeis muito com isso. É tudo um tudo-nada para disfarçar. O rapazinho, que também não traz roupa de cristão, também é, oh se é, para disfarçar. (*Alteando a voz*) E assim é que está certo porque sem disfarce não há cenas e sem cena não há teatro. (*Abre-se*

o pano) Ora muito bem: cena já nós temos.
(Apontando) Um Académico-Clube dos Sábios de
Jerusalém. Secretárias, tocheiras, janela para se
poder respirar... (*Põe o chapéu colonial na ca-
beça*) Ora pois;

era isto no tempo em que os animais falavam;
Jerusalém estava em festa e os meninos fu-
giam da companhia dos pais;

iam aos magotes para os brejos, berravam
entre as silvas até vir a noite;

outros metiam-se pelas veredas, iam para a
feira ver os cavalinhos.

Mas este, de que fala o grande livro, não
fugira para gozos e arruaças;
fora procurar os Doutores.

UM AUTO PARA JERUSALÉM

*Entra o Servo-Porteiro trau-
teando uma musicata qualquer.
Acende as velas das três mesas
de estudo que atravancam o tugú-
rio. A sua entrada interrompe o
Orador, que o fita com cara de
pouca paciência.*

ORADOR — Pst! Quero a cena deserta.

SERVO-PORTEIRO — Tenho de sair já, meu se-
nhor?

ORADOR — Sabes muito bem que sim.

SERVO-PORTEIRO — Já? Já? Eu não devia é ter

entrado. O pano subia, viam-se as velas já acesas, e pronto, ninguém dava pela minha falta.

ORADOR — Ah isso com certeza.

SERVO-PORTEIRO — Sou um tolo, um frustrado, um facilmente dispensável. Não sei ler nem escrever, embora o meu autor me faça falar com certa elegância.

ORADOR — Eu sei. As exigências do estilo. Estás aí para dar ritmo à representação.

SERVO-PORTEIRO — Para dar ritmo, pois.

Breve pausa.

ORADOR — Então? Estamos à espera!